

INTRUSOS NO 407 - Cristiane Barreto

Registrado no escritório de direitos autorais da Fundação Biblioteca Nacional – Ministério da Cultura.

Personagens:

1 moça – 25 anos

1 homem - zelador

1 senhora – vizinha do prédio

1 rapaz – entregador de flores

Cena I

Interior de um apartamento pequeno. Uma moça sentada em um sofá. Olha fixamente para a porta. Suspira. Mexe na bolsa. Joga a bolsa longe. Volta a olhar fixamente para a porta. Levanta e vai até uma estante e escolhe um cd. Coloca o cd no microsistem. Aumenta o som. Começa a dançar. Continua dançando até a música acabar. Quando termina, cai no chão como se estivesse tonta e começa a rir compulsivamente. A campanha toca. Ela levanta assustada, como se estivesse fazendo algo proibido. Observa se está tudo no lugar e grita:

Moça – Quem é?

Ninguém responde.

Moça (*insiste*) - Quem é?

Ninguém responde.

Moça (*chega mais perto*) – Se não se identificar não vou abrir.

Ninguém responde. Cautelosa, encosta o ouvido na porta. Não ouve nada. Resolve abrir a porta. Percebe que não tem ninguém. Fecha porta rapidamente

assustada e corre para o sofá. Alguém novamente toca na porta. Moça fica mais assustada e grita:

Moça (*gritando*) - Quer fazer o favor de parar de brincar comigo? (*Ninguém responde*) Vou dar queixa ao síndico, está ouvindo? (*Ninguém responde*).

A campainha toca novamente várias vezes.

Moça (*desconfiada, faz de conta que sabe quem é*) - Ah! Agora já sei quem é. O que você está fazendo aqui? Não quero falar com você! Não quero ver você! Cai fora! (*Ninguém responde*).

A moça decide resolver a situação, abre a porta corajosamente:

Moça (*com raiva e sem saber quem está na porta*) - Se está pensando que vai entrar, pode ter certeza que não! (*Vê uma senhora e fica constrangida*) A senhora? Desculpa. Estava achando que era outra pessoa. (*sem jeito*) Bom, vamos entrar um pouquinho. (*Aponta para senhora entrar*)

Senhora (*assustada com o jeito da moça*) - Está bem minha filha?

Moça – Estou ótima. Bem mesmo. Desculpa, vamos entrar?

Senhora (*desconfiada*) - Tem alguém aqui com você? Estou incomodando? Posso voltar depois.

Moça – De jeito nenhum. Estou sozinha como sempre. A senhora não quer sentar? (*aponta o sofá*)

Senhora (*resolve sentar*) - Filha, não quero incomodar, mas precisava muito falar com você.

Moça (*senta ao lado da senhora*) - Aconteceu alguma coisa? A senhora pode falar.

Senhora (*responde rápido*) – Aqui tem barata?

Moça – Barata? A senhora quer saber se aqui em casa tem barata? (*risos*)
Não. Nunca vi nenhuma barata aqui.

Senhora – Lá em casa apareceu primeiro umas pequenininhas...Assim (*mostra com os dedos*).

Moça – É mesmo? Muitas? Que horror!

Senhora – Dizem que vem da Argentina. Nas maçãs que a gente compra aqui de lá.

Moça (*incrédula*) - Nas maçãs? Como assim?

Senhora (*baixo*) – Elas se escondem na Argentina, nos caixotes de madeira que trazem as maçãs para cá.

Moça – Ah! Entendi. (*baixo*) Mas quem falou para senhora isso?

Senhora (*baixo*) - O rapaz do mercadinho me falou.

Moça (*baixo*) - Mas a senhora não acha que ele pode estar brincando?

Senhora (*baixo*) - Tenho certeza que não.

Moça (*baixo*) - Então, o que a senhora vai fazer?

Senhora (*falando normal*) - Por que a gente está sussurrando?

Moça (*falando normal*) - Para ninguém ouvir, eu acho. (*risos*).

Senhora (*Séria*) – Mas quem ouviria? Você disse que não tem ninguém aqui, além de você. (*desconfiada*) Você mentiu?

Moça – Não, não mesmo. Pode acreditar.

Senhora – Odeio gente que mente. Se tivesse falado que tinha visita, deixava para outra hora. Não tinha tanta pressa.

Moça - Não senhora. Estou realmente sozinha, pode acreditar.

Senhora (*aterrorizada*) - Mas o pior é que agora apareceram umas enormes e voadoras.

Moça – Apareceram? O quê?

Senhora (*impaciente*) - Você não presta atenção. (*irritada*) Agora lá em casa apareceu baratas enormes e voadoras.

Moça – Ah! Agora entendi. Que nojento.

Senhora – De noite, na hora que estou vendo a novela, de repente, elas passam voando perto da minha cabeça. Entram pela janela.

Moça – A senhora não tem medo? Nojo?

Senhora – Eu já estou até me acostumando com elas. Não tem gente que cria gatos, pássaros, cachorros? Acho que vou criar baratas (*risos*).

Moça olha séria para a senhora e ela para de rir.

Senhora (*olha para os cantos da casa*) - É. Aqui realmente não parece ter baratas.

Moça (*impaciente*) - Pode ter certeza que não. Desculpa, mas agora preciso tomar banho para sair.

Senhora – Não se preocupe. Pode tomar banho que espero aqui. Fique à vontade.

Moça (*disfarça a irritação*) - A senhora até poderia ficar aqui me esperando, mas vou sair correndo. Já estou atrasada para um compromisso.

Senhora (*levanta e fala furiosa*) - Você está me colocando para fora de sua casa? É isso? Nunca mais venho aqui. Você vai ver. Não me peça mais açúcar emprestado.

Moça (*irritada*) - A senhora é louca? Quando pedi emprestado açúcar na sua casa?

Senhora (*cruza os braços*) - Ontem.

Moça (*levanta*) - A senhora é doida mesmo. Nunca pedi nada em sua casa. Aliás, nunca pedi nada a ninguém neste prédio.

Senhora (*Tira os óculos e se aproxima da moça*) - É mesmo. Não foi você. (*constrangida*) Desculpa. Entrei no apartamento errado. Logo vi algo estranho. Tudo muito desorganizado e sem barulho.

Moça (*irritada*) - Por favor, a senhora pode me deixar sozinha na minha casa? (*aponta a porta*)

Senhora – Você é muito mal educada. Mal amada, é isso que você é. Por isso, mora sozinha aqui. Ninguém deve suportar ficar perto. (*muda o tom*) Não se preocupe! Nunca mais falarei com você. (*abre a porta e sai*)

Moça – (*corre até a porta e tranca com a chave*) Vai louca! Isso só acontece comigo. Estou aqui na minha casa, não incomodo ninguém. (*arruma as*

almofadas no sofá) É cada coisa que a gente é obrigada a passar nessa vida, viu? Que maluquice! Uma pessoa vai na casa da outra que nem conhece direito, para saber se na casa dela tem barata? Não, é demais! Barata Argentina! Essa é boa. *(começa a olhar para debaixo dos móveis, dos cantos da casa, como se estivesse procurando algo)* Barata da Argentina! Tá boa, santa? Se ainda fosse barata européia...Italiana, francesa, grega....Mas da Argentina? *(risos)*

CENA 2

De repente, vai até a estante e pega uma caixa pequena de madeira. Senta na cadeira e começa a tirar objetos de dentro. Primeiro, tira uma foto, observa, fica triste e rasga em pedaços. Depois pega um óculos grande de sol, coloca no rosto. Por último, pega uma chave. Tenta lembrar de onde é aquela chave, mas não consegue. Levanta e observa em casa de onde poderia ser aquela chave. O interfone toca. Ela para e olha fixamente para o interfone. Toca novamente. Ela continua imóvel. Toca novamente. Ela resolve atender:

Moça *(trêmula)* – Alô? Pode falar. Está escutando?

Zelador *(voz em off)* – Boa tarde, D. Moça! Estou indo em todos os apartamentos fazer uma vistoria para saber se em algum tem barata. Está escutando?

Moça – *(incrédula)* – Estou escutando o senhor. Quer vir aqui em casa para saber se aqui têm baratas? É isso?

Zelador *(voz em off)* – Positivo. Ordens do síndico.

Moça – Não é possível isso.

Zelador *(voz em off)* – Como? Não entendi.

Moça *(irritada)* – Aqui em casa não têm barata!

Zelador (*voz em off*) – Como? O síndico quer que faça a vistoria em todos os apartamentos ainda hoje.

Moça (*indignada*) – Isso é um absurdo! Aqui em casa não tem nenhuma barata. O senhor está ouvindo?

Zelador (*voz em off*) – Não estou ouvindo direito. Vou passar aí para fazer a vistoria. Um momento, por favor. (*desliga*).

Moça (*nervosa*) - Alô! Alô? Não é que o imbecil desligou na minha cara! Não! Isso não pode está acontecendo. Este imbecil é surdo? Aqui em casa não tem barata! Será possível que vou precisar colocar um cartaz e prender no elevador, na porta, no playground, informando a todos que aqui em minha casa não tem barata? (*mais calma*) Só queria ter um pouco de paz dentro do meu próprio espaço. (*senta no sofá*) Será possível? Estava tudo indo tão bem... (*começa a choramingar*) Aqui com minhas coisinhas...Com minhas lembranças...Só acontece comigo...Não acredito que aconteça com mais ninguém...(a campanha toca, ela olha para porta, limpa as lágrimas e se levanta) Quem é? (*ninguém responde*) Se não se identificar eu não vou abrir a porta.

Zelador (*no lado de fora gritando*) – Quem mais poderia ser? Sou eu D. Moça!

Moça (*irônica*) – Já? Quando o senhor quer, chega bem depressa.

Zelador – D. Moça, preciso entrar e fazer a vistoria no seu apartamento. Ordens do síndico.

Moça – O senhor tem algum documento que comprove isso? Posso processar o condomínio por invasão de privacidade.

Zelador - (*paciente*) D. Moça, estou tentando fazer o meu trabalho. Se não quiser cooperar, terei que fazer uma notificação e entregar para o síndico.

Moça – Mas estou dizendo que aqui em casa não tem barata!

Zelador – Mas o síndico solicitou que verificasse todos os apartamentos. Fazer a vistoria pessoalmente.

Toca o telefone. Moça olha para o telefone. Toca novamente. Moça continua olhando para o telefone. Toca mais uma vez.

Moça – O senhor me desculpa, mas agora é impossível. O telefone está tocando. Deve ser meu namorado. Ele está viajando e combinamos de resolver algumas coisas agora no telefone.

Telefone toca.

Zelador (*incrédulo*) – Desde quando tem namorado? Nunca vi ninguém aqui. Nem entrando no prédio. Muito menos D. Moça saindo com alguém.

Telefone toca.

Moça (*irritada*) - Mas é muita ousadia! Se tenho ou não namorado, isso é problema meu.

Telefone toca.

Zelador – Tudo bem. Vou esperar aqui. Pode falar com o “seu namorado”. Fique à vontade.

Telefone toca.

Moça (*irritada, atende ao telefone*) – Alô! Alô? Quem? Não entendi. Quem? Fale alto. A ligação está ruim. Não consigo ouvir direito. Sim? Isso. Não. Fale devagar, por favor. (*nervosa*) que piada é esta? Aqui ninguém precisa de detetização. O quê? Não! Não liguei. Aqui não tem barata. Não preciso

detetizar, entendeu? (*impaciente*) Estou ocupada e já disse que aqui não tem barata. Passe bem. (*desliga o telefone*). Onde já se viu? Que absurdo! Que loucura é essa? Todos resolveram me irritar com esta história de barata? (*respira profundamente*) Não. Vou relaxar. Vou esquecer tudo. Pronto. É isso. Vou colocar uma música relaxante, fazer yôga, meditar...(*animada*) É isso! Nada mais vai me abalar! (*procura cd, acha, coloca no microsistem, senta em posição de meditação no chão e fecha os olhos*) Isso! Relaxar...Respirar...Pensar em coisas positivas....Ônnnnnnn....(*alguém bate na porta, ela abre um olho e lembra do zelador*) Ônnnnnnnnn...Não é possível. (*música suave continua tocando*) Esse cara não desiste? (*levanta e coloca as mãos na cintura*) O senhor não tem mais o que fazer? As escadas estão todas sujas! A garagem está um horror de imundice e o senhor resolveu tirar o dia para me azucrinar, é?

Zelador – Disse que ia esperar. Como escutei a música, percebi que a conversa com o “seu namorado” já tinha terminado. (*irônico*) Foi bem rápido o telefonema, não foi?

Moça (*irritada*) – Vamos acabar logo com isso. Vou deixar o senhor entrar, mas será em 30 segundos que o senhor vai fazer a sua vistoria. Quando der os 30 segundos o senhor sai, ok?

Zelador (*risos*) – D. Moça é uma figura! (*risos*)

Moça – E então?

Zelador (*concordando*) – Tudo bem. 30 segundos.

Moça – Ok. (*abre a porta e fica parada*)

Zelador (*entra, olha para a moça*)

Moça (*aponta a casa com a cabeça e começa a contar*) – 1, 2, 3, 4, 5....

Zelador (*balança a cabeça como se não estivesse acreditando, começa a vistoria*)

Moça (*distante e parada na porta*) – 8, 9, 10, 11....

Zelador (*olha embaixo do sofá, da estante, os cantos*)

Moça – 15, 16, 17, 18....

Zelador (*entra na cozinha, sai*)

Moça – 22, 23, 24...

Zelador (*entra no banheiro, sai, entra no quarto, sai*)

Moça – 28, 29, 30! (*aponta a porta para o zelador*) – Cai fora!

Zelador - Desculpa, mas desse jeito não dá. Não tive tempo de olhar direito.

Moça (*aponta com a cabeça a porta*) – Cai fora!

Zelador – Colocarei na notificação assim: (*como se estivesse lendo*): “D. Moça, do apartamento 407, após muita relutância, permitiu a entrada, mas agiu de maneira estranha. Deixou vistoriar o apartamento por apenas 30 segundos. O que considero pouco tempo. Concluo que, é impossível afirmar ou não, se o apartamento 407 tem ou não baratas”

Moça (*irritada*) – Cai fora! Quer fazer o favor de sair da minha casa?

Zelador – (*ainda dentro do apartamento*) Tão nova e tão nervosa.

Moça (*segurando a porta com uma mão, a outra mão na cintura e visivelmente nervosa*) – O senhor já olhou o apartamento? Observou se tem alguma barata? Está vendo alguma baratinha andando de um lado para o outro? Está vendo?

Observe rapidamente? Olhe as paredes? O lustre? Está vendo? O senhor realmente está com algum problema.

Zelador (*calmo*) – D. Moça, quem está com algum problema aqui não sou eu.

Moça – O senhor viu alguma barata zanzando em minha casa? O senhor não acha que se aqui tivessem baratas, elas iam ficar dando mole de dia para que as matassem? Pisassem nelas assim? (*Demonstra com o pé como se estivesse matando uma barata*).

Zelador (*perplexo*) – Agora a D. Moça falou uma coisa sensata. Realmente. Aqui na sua casa pode ter mesmo muitas baratas e elas podem estar escondidas. Geralmente, as baratas passeiam mais pela noite. Quando os ambientes estão mais quietos e silenciosos. Colocarei também isto na notificação da vistoria do seu apartamento: (*como se estivesse lendo*) “Além de todas essas considerações, ressalto que a vistoria feita no apartamento 407, foi feita pela tarde, ou seja, de dia e, as baratas costumam passear pelos ambientes, no turno da noite. O que leva a concluir mais uma vez, que não posso realmente afirmar se o apartamento 407 tem ou não baratas”.

Moça – Cai fora! (*pega o zelador pelo braço, o empurra para fora e bate a porta na cara dele*) Pronto! Vai procurar barata na casa de tua mãe! Onde já se viu isso? Isso só acontece comigo.. Estou aqui na minha casa, não incomodo ninguém. (*arrumando as almofadas no sofá*) Cada coisa que a gente é obrigada a passar nessa vida, viu? Que maluquice! Contando ninguém acredita. Tudo isso porque todos resolveram achar que aqui em casa tem barata. Não! É demais. (*senta no sofá e começa a choramingar*) Não incomodo ninguém. Só quero ficar em casa em paz. Nem em casa tenho tranqüilidade. (*respira fundo*) Não! Não vou me entregar. (*enxuga as lágrimas*) Já sei o que vou fazer. (*levanta*) melhor remédio é dar risada de tudo isso. É isso! Lá vai! (*explode em risos*).

CENA 3

Ri compulsivamente. Aos poucos para de rir. Riu tanto que começa a ter dor de barriga. Senta no sofá.

Moça (*com as mãos na barriga, respira fundo*) Enfim, paz! (*Olha a porta*) Não. Por hoje chega. (*levanta e começa a andar pela casa, como se estivesse procurando algo*) Baratas? (*incrédula*) Que coisa de doido. Bando de desocupado. Amanhã quero ver se esse zelador de quinta limpou direito as escadas do prédio. O serviço que tem que fazer, ele não faz! Era só o que me faltava. (*lembra de algo*) Ah! É isso que vou fazer. Aliás, o que já devia ter feito. (*vai até o quarto e volta com uma grinalda*) Que coisa linda! Só em olhar para essa lindeza, já tenho vontade de casar. (*coloca a grinalda na cabeça e começa a cantarolar*) Tan tan tan...(rodopia pela sala toda) Tan tan tan...(de repente, vai para estante e procura um cd) Ai meu Deus! Onde coloquei? Ah! Aqui está você! (*coloca o cd no microsistem e escuta a música*) Que coisa linda! Se um dia me casar, vai ser com esta música que vou entrar na igreja. (*faz de conta que está entrando na igreja ao som da música, de repente para*) Assim não consigo. Sem um buquê não consigo de jeito nenhum. Será que tenho algum por aqui? (*começa a procurar*) Nada aqui. (*outro lugar*) Nada aqui também (*campainha toca e a moça se assusta*) Não é possível. Quem é? (*ninguém responde*). Se não se identificar não vou abrir. (*ninguém responde*) Não é possível. (*campainha toca novamente e a moça abre com a grinalda na cabeça*) Olha aqui, já vou avisando...Estou ocupada e não tenho tempo para perder! (*para*)

Rapaz (*surpreso e com um buquê de flores nas mãos*) Desculpa moça, aqui é o apartamento 407 ou 406?

Moça (*constrangida, confusa, olha para as flores nas mãos do rapaz*) – O quê? Não entendi.

Rapaz (*parado na porta e calmo*) - Perguntei se aqui é o apartamento 407 ou 406?

Moça (*olhando ainda fixamente para as flores*) – Como? 407? 406? Não. 407? 406? Sim, é aqui.

Rapaz (*estranhando*) – É o 407 ou 406?

Moça (*confusa*) – 407 ou 406? Não. Desculpa, não entendi.

Rapaz – Tenho que fazer uma entrega.

Moça – Entrega? Ah! Uma entrega.

Rapaz (*desconfiado*) – É. Uma entrega.

Moça (*nervosa*) – É. Uma entrega é uma entrega (Ri nervosa)

Rapaz (*sério*) – A moça está bem?

Moça (*se recompondo*) Sim, sim. Estou bem. Por quê? Não parece?

Rapaz (*sem jeito*) – Não. Quer dizer, sim! Parece que está bem.

Moça (*confiante*) – Estou muito bem mesmo. Muito melhor agora.

Rapaz (*parado no lado de fora do apartamento com o buquê de flores nas mãos*)

Moça (*parada no lado de dentro do apartamento, segurando a maçaneta, olhando fixamente para o buquê nas mãos do rapaz e ainda com a grinalda na cabeça*)

Rapaz (*tenta ver se tem mais alguém em casa*)

Moça (*acompanha o olhar do rapaz*)

Rapaz (*se estica para tentar ver os outros cômodos*)

Moça (*estranhando, procura ver onde o rapaz tanto se estica para olhar*)

Rapaz (*sem jeito, tosse*)

Moça (*tentando ser amável*) – Está resfriado? Também com esse tempo, não é? Muda o tempo todo hora. De manhã faz sol. À tarde, já começa a esfriar e a noite, a chuva desce.

Rapaz (*concorda com a cabeça*)

Moça – Tenho um remédio ótimo! Não quer entrar? Um copo de água? Se quiser... Tenho um comprimido ótimo para resfriado. É tiro e queda.

Rapaz (*desconfiado*) Não obrigado. Não estou resfriado. Estou com pressa. Preciso fazer a entrega.

Moça – Ah é! A entrega. Tinha me esquecido (*olha fixamente novamente para o buquê de flores nas mãos do rapaz*)

Rapaz – É. Tenho que fazer a entrega. Tenho outras para fazer ainda hoje.

Moça – Entendi.

Rapaz – (*impaciente*) Aqui é o apartamento 407 ou 406?

Moça – 407 ou 406?

Rapaz – (*irritado*) Preciso saber se aqui é o apartamento 407 ou 406. Não achei o porteiro lá embaixo. Aqui na sua porta o número do apartamento está apagado.

Moça – Ah! Entendi. O número já está apagado há muito tempo.

Rapaz – Então? Aqui é o 407 ou 406?

Moça – (*ri nervosa*).

Rapaz (*preocupado*) Porque tenho que fazer a entrega. E não posso errar.

Moça – Entendo. Não pode errar. Verdade. Ninguém devia errar, não é?

Rapaz – Como?

Moça – Não, nada. Bobagem.

Rapaz – Bom, com quem deixo a entrega?

Moça – Como? Como quem deixa?

Rapaz (*pega um papel no bolso*) - Aqui no papel da entrega não colocaram o nome da pessoa que tenho que fazer a entrega das flores e muito menos quem mandou.

Moça (*cortando o rapaz*) – Entendo. Que absurdo, não é? Como é que você vai saber para quem entregar? Sempre tem alguém incompetente para atrapalhar as nossas vidas, já reparou?

Rapaz (*confuso*) Incompetente? Ah! É. Sempre tem algum incompetente. Só colocaram o número do apartamento, 406.

Moça (*surpresa*) Ah! Colocaram o número do apartamento 406! (*decidida*) É aqui mesmo.

Rapaz – Você mora sozinha?

Moça – Moro.

Rapaz – Então a entrega só pode ser para você.

Moça (*incrédula*) Pra mim?

Rapaz – Não vejo como não ser.

Moça – É.

Rapaz – (*impaciente*) Vamos resolver logo isso. Tenho que fazer ainda outras entregas.

Moça – Sim, vamos. Por favor, o que tenho que fazer para receber a minha entrega?

Rapaz – Apenas assinar nesse papel (*entrega o papel*).

Moça – Só isso? Pode deixar, assino agora. Pode entrar se quiser. Vou assinar o papel na mesa, tudo bem?

Rapaz – Tudo bem. (*entra, mas desconfiado*)

Moça – Pode sentar no sofá, se quiser. (*aponta para o sofá*)

Rapaz (*senta e observa tudo em volta enquanto a moça pega uma caneta para assinar o papel*)

Moça (*assinando*) Um calor hoje, não?

Rapaz – Muito.

Moça – Quer uma água ou um suco bem gelado para refrescar?

Rapaz – Aceito um copo de água, se não for incomodar.

Moça – Imagina? Um copo de água não é incômodo mesmo. (*entrega o papel ao rapaz e vai até a cozinha pegar a água*)

Rapaz (*sozinho, continua a observar tudo em volta sentado ainda no sofá com o buquê de flores nas mãos. De repente, vê uma barata sair debaixo da estante e entrar em outro cômodo da casa*)

Moça (*volta com o copo de água nas mãos e entrega ao rapaz*)

Rapaz (*ainda sentado no sofá, pega o copo de água, bebe, na outra mão, o buquê de flores. De repente, vê outra barata saindo da cozinha e indo para o outro cômodo*)

Moça (*parada, em pé, ainda com a grinalda na cabeça, observa o rapaz beber a água e o buquê de flores na mão dele*)

Rapaz (*quando termina de beber a água*) – Muito obrigado. (*entrega o copo para a moça*)

Moça – Quer mais?

Rapaz – Não, obrigada. Estou satisfeito.

Moça – Estava bem geladinha, não é? Refrescante!

Rapaz – Sim, sim! Bem gelada.

Moça – Só assim para melhorar esse calorão, não é?

Rapaz – Sim, sim. Só assim.

Moça – Banho frio também é ótimo!

Rapaz – Sim, banho frio também é excelente. *(lembra que está com pressa)*
Olha, agora preciso ir.

Moça – Que pena. *(confusa)* Não. Sei como é. Trabalho é trabalho.

Rapaz *(sem jeito)* – Desculpe, mas sem querer, vi duas baratas entrarem naquela direção. *(aponta para a porta, ainda sentado no sofá).*

Moça *(espantada)* – Como assim? Não entendi?

Rapaz – Vi duas baratas entrarem naquela direção da porta *(aponta novamente).*

Moça - Um momento. *(senta ao lado do rapaz no sofá decepcionada)* Vamos ver se entendi. Está me dizendo que viu duas baratas entrarem no banheiro? É isso?

Rapaz – Bom, não sei se atrás da porta é um banheiro, mas vi duas baratas entrarem naquela direção.

Moça – Entendi. *(desconfiada)* Tem que certeza que viu duas baratas entrarem no banheiro?

Rapaz – Tenho.

Moça – Duas?

Rapaz – Duas.

Moça – Entraram as duas juntas?

Rapaz – Não. Uma de cada vez.

Moça – Quando?

Rapaz (*tentando lembrar*) Hum! É isso. Quando você foi pegar o copo de água, vi uma.

Moça – Entendi. E a outra?

Rapaz – Quando estava bebendo a água.

Moça – Você estava bebendo a água e ao mesmo tempo, vendo à barata entrar naquela direção?

Rapaz (*afirma com a cabeça*) – Exatamente.

Moça – Mas elas estavam em que lugar?

Rapaz – A primeira saiu debaixo da estante. (aponta) Dali.

Moça – E a segunda?

Rapaz – Saiu da cozinha. (aponta).

Moça – Entendi (*levanta, coloca o copo vazio em cima da mesa, fica de frente ao rapaz que continua sentado, coloca as mãos na cintura*) – Quer fazer o favor de ir embora agora!

Rapaz (*confuso*) Como?

Moça (*séria*) – Levante do meu sofá e vá embora agora da minha casa. Entendeu?

Rapaz (*assustado*) – Entendi. (*levanta do sofá*) Não queria incomodar. Já está na minha hora mesmo.

Moça (*aponta para a porta*) – Saia!

Rapaz – Moça, por favor, desculpa se falei alguma coisa errada.

Moça (*grita*) - Cai fora!

Rapaz (*indo para a porta*) – Só falei das baratas porque achei que ia gostar de saber.

Moça – Alguém gosta de saber que na sua própria casa tem barata?

Rapaz (*na porta*) – É isso que pensei. (*explica*) Vou avisar que vi as baratas para ela saber e resolver o problema.

Moça (*chega mais perto dele*) – Problema? Que problema? Não estou vendo aqui em minha casa nenhum problema.

Rapaz – Não. Não tem problema mesmo. Só as baratas.

Moça (*irritada*) – Quer fazer o favor de ir embora.

Rapaz – Não precisa ficar nervosa. Não se preocupe. Já estou indo embora. Só preciso terminar de fazer a entrega.

Moça – (*olha fixamente para o buquê nas mãos do rapaz*) Tudo bem. (*pega o buquê de flores na mão dele*) Já entregou. Agora some da minha frente.

Rapaz – Desculpa mais uma vez. Não queria ofender ninguém (*sai*).

Moça (*bate a porta com força e olha para o buquê de flores*) Pelo menos agora tenho o que precisava. (*irritada*) Era só o que me faltava. Idiota! Imbecil! Onde já se viu? Afirmar que viu duas baratas aqui em casa? Devia está querendo me enganar. (*assustada*) Podia até ser um ladrão! Já pensou no perigo que passei? (*quase desesperada*) Meu Deus! Que horror! A gente vê na TV e nunca acha que vai acontecer com a gente. Esse mundo está perdido mesmo!

Nem dentro de casa estamos seguros. Que história! Inventar que viu duas baratas para me distrair e roubar algo? Coisa de filme. Não! De novela! Contando ninguém vai acreditar em mim. *(vai até a porta e tranca com a chave)* Pronto! Aqui ninguém passa. Que loucura. Vou mandar fazer uma porta mais reforçada. Se dentro de casa não estamos seguros? Vou reclamar com o síndico. Isso! O prédio precisa de mais segurança. Cadê o porteiro? Incompetente! *(cansada)* Chega! Já me desgastei demais com isso. Vou relaxar. *(olha para a mão, vê o buquê de flores, lembra que ainda está com a grinalda na cabeça e grita)* Que bom! Tenho agora o que preciso. Cadê aquele cd? *(vai até o microsistem, coloca a marcha nupcial, está ainda com a grinalda, o buquê de flores nas mãos, começa a fazer de conta que está entrando na igreja para casar).*

Moça *(para como se estivesse em frente a um padre)* – Na saúde e na doença. Aceito! *(começa a rodar como se estivesse dançando uma valsa com alguém).*

A luz vai saindo aos poucos e a marcha nupcial toca até acabar.

FIM.